

BANCOS CENTRAIS * 6 MAI 1988

Conselho Ajuste econômico com crescimento, tese que gera consenso e dúvidas

por Maria Clara R. M. do Prado
do Rio

A tese do ajuste econômico com crescimento, admitida hoje até pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), encontra consenso entre os governadores que participam da reunião de bancos centrais do continente americano, no Rio de Janeiro. O ponto que não ficou claro, no entanto, é justamente como conseguir combinar políticas de ajuste que pressupõem redução do déficit fiscal e, portanto, menor participação do Estado, como investidor, em um cenário onde a poupança interna privada é escassa, e onde o acesso a recursos externos é estreito, com crescimento econômico sustentado.

No ponto de vista do Federal Reserve Board (Fed, o banco central norte-americano), cabe aos países europeus e asiáticos superavitários em suas contas de transações correntes (como Alemanha, Japão e os países com modelo exportador da Ásia) promover o processo de ajustamento internacional. A própria política norte-americana de desvalorização do dólar veio na direção de tentar equilibrar as contas externas dos Estados Unidos (buscando reduzir as importações e ampliar as exportações), mas os resultados ainda não foram esolidados: "Nós vemos agora que o dólar retornou ao seu nível de 1980, na média, no pequeno espaço de três anos, mas a balança externa tem sido lenta em se ajustar", conforme consta do trabalho apresentado ontem pelo vice-presidente do Fed, Manuel Johnson, na XXV Reunião de Governadores de Bancos Centrais no Continente Americano.

Os Estados Unidos mantêm o discurso formal da livre concorrência no mercado internacional e da não adoção de políticas protecionistas, mas Johnson avisa aos países latino-americanos que, dada a necessidade de seu país em ajustar o déficit em conta corrente, seria prudente buscarem expandir os mercados de exportação em outros países. "O crescimento das importações dos Estados Unidos de países latino-americanos fortemente endividados, desde 1982, responde por mais do que o total do crescimento das exportações desses países durante o mesmo período", diz Johnson. Isso significa, em outras palavras, que os norte-americanos já não se consideram mais em situação de

continuar a comprar tantos produtos da América Latina como vinham fazendo.

Ao mesmo tempo, o próprio Fed diz que o meio mais garantido para os países em desenvolvimento altamente endividados financiarem a curto prazo as importações necessárias ao crescimento econômico parece ser o da perseguição a políticas que conduzam a uma expansão sustentada da exportação, já que "nenhuma alteração rápida no financiamento externo parece existir no horizonte", segundo observa Johnson em seu trabalho.

Justamente o fato de os países industrializados não prestarem muita atenção na questão do financiamento quando enfocam o tema do ajuste econômico com crescimento para os países endividados foi criticado no trabalho apresentado ontem, no plenário da reunião, pelo Banco Central do Brasil. Tanto a abordagem tradicional do FMI — os programas de ajuste seriam consistentes com o crescimento na medida em que promovem a eficiência alocação com o correto direcionamento da demanda — quanto dos países industrializados — para os governos desses países o ajustamento com crescimento depende de medidas que visem aumentar a oferta de bens e serviços através de incentivos, como redução da presença do Estado, menores impostos, liberalização do comércio — são consideradas como falaciosas pelo BC do Brasil.

"A grande falácia do raciocínio dos países industrializados seria de que a promoção de reformas estruturais e a ampliação das chamadas políticas de oferta dispensam ou diminuem a necessidade de financiamento do processo de ajuste, quando se sabe que essas reformas, além de tomarem tempo, trazem como consequência, a curto prazo, uma deterioração do resultado do balanço em conta corrente", coloca o BC do Brasil.

O presidente do Banco Central do Uruguai, Ricardo Pascale, trouxe para o encontro sua opinião de que não há conflito entre os conceitos do ajuste e do crescimento, desde que seja implementada uma estratégia coerente de política econômica. Todo programa de ajuste deve prestar devida atenção aos aspectos do crescimento, de modo a evitar que a estabilidade financeira seja alcançada ao custo da estagnação econômica.